

Solicitada para comentar o livro de Maria Luiza Leão, sinto imediatamente a turbulência de diferentes movimentos dentro do meu ser, aos 80 anos de idade. Diante da complexidade do tema, ao tratar de questões teóricas de aprendizagem no processo psicopedagógico, a autora tece, brilhantemente, diferentes fios de conhecimentos, passeando pelos capítulos no entrelaçamento do processo e não no produto, indo em direção ao movimento natural do ser-sujeito-cidadão frente ao conhecimento.

Fico feliz ao poder testemunhar a seriedade, a competência, o aprofundamento e o prazer de Maria Luiza, encontrando-a ainda nessa década, nesse século, nesse milênio, 2013, aquela mesma menina que, em diferentes momentos, espaços e funções, pode ser para mim uma facilitadora dos meus voos filosóficos e angustiantes para encontrar o ENTRE nos opostos: consciência-inconsciente; concreto-abstrato; prático-teórico; natural-virtual...

Desse modo, posso com tranquilidade parabenizá-la pelo momento oportuno de contribuir, com esse livro, para uma psicopedagogia que jamais aprisionará seus leitores, mas ao contrário, oferecerá subsídios teóricos para que, nos seus diferentes fazeres, possam criar novas alternativas para uma educação verdadeiramente transformadora.

Aglael Luz Borges

Filósofa, psicanalista e psicopedagoga.

Prefácio

Falar de Maria Luiza Leão é falar de efervescência de ideias. A autora já era assim nos idos de sua graduação e nos estudos posteriores que culminaram com sua tese defendida em Paris; é assim hoje a estudiosa que nos instiga e encanta ao nos fazer pensar.

Nessa conferência, pronunciada em 2011, mas com um frescor de atualidade, Maria Luiza traz uma temática que se tece nos fios da turbulência.

Em verdade, há turbulências e turbulência; há crises e crise. Todos sabemos. O texto aponta “a importância da turbulência nos períodos específicos do processo de construção de conhecimento, ao longo dos quais, uma mudança do referencial lógico-conceitual é exigida do sujeito engajado num processo de conhecimento”. Uma crise que se inscreve na ordem do desenvolvimento, quando os sistemas estão sob a égide do equilíbrio de trajetória, como denomina a Física, mas que Piaget preferiu chamar de equilibração; exatamente esse momento de passagem de um estado a outro, movido por uma teleologia própria do interjogo das forças de campo psicológico, das valências de Kurt Lewin.

O texto avança, também, para outra turbulência: aquela que, não mais se referindo às redes intrapsíquicas, aparece de modo ainda mais significativo na cisão das instituições que representam a inteligência e o simbólico: a escola piagetiana e a escola psicanalítica.

Sara Pain, interlocutora de Maria Luiza Leão, aponta a necessidade de uma teoria única do pensamento que possa ir além dos aportes de uma teoria de ciência aplicada, extraída da clínica dos problemas de aprendizagem. Uma teoria que promova uma articulação de maneira significativa entre o potencial intelectual e o drama inconsciente no qual um aprendiz está envolvido. Considera fundamental que, necessitando-se que ambas funcionem de forma articulada, mantenham sua independência, ainda que sejam oriundas do mesmo fluxo inconsciente do pensamento. Fruto

dessa assertiva de Sara Pain, Maria Luiza levanta, em seu trabalho, uma hipótese do pensamento como uma “estrutura estruturante constituído por subestruturas: o sistema cognitivo estabelecido pela escola de Genebra e o sistema desiderativo da psicanálise, cuja articulação pode produzir a turbulência como efeito.” Se ao primeiro olhar não parece haver novidade do enunciado, logo se depara com algo que desequilibra: a turbulência como efeito. Dá o que pensar...

Outro ponto importante da conferência é a função da ordem e da desordem na estruturação teórica. Uma empiria pode mudar, mas não necessariamente se muda sua decifração teórica; por outro lado, pode não mudar, mas muda-se o modo com que se observam seus indícios, de tal modo que “as construções teóricas são desenhadas para re-ver, iluminar, dar mais clareza à realidade”, ainda que se enfrente o fenômeno da resistência ao novo que exige mudanças no pensar.

Ordem, desordem, Maria Luiza vai caminhando nesse entremeio entre cristalização e desintegração, propondo uma particular conceituação denominada Noologia Estruturalista, para ela “um ente mental pós-turbulência”. Nesse momento de sua fala, Maria Luiza não tem medo de mergulhar fundo, indo às origens semânticas do termo ou deparando-se com indícios de seu uso pelo escolástico alemão Georg Gutke por volta de 1635, para designar parte da metafísica que se ocupa do conhecimento dos primeiros princípios (e da inteligência).

Sua preocupação científica atual é poder configurar a noologia estruturalista de modo a dar um corpo teórico para o campo dos processos de aprendizagem, “atingir a articulação entre a objetivação e a subjetivação, o quando, como e porque se dá”.

Mas, por outro lado, Maria Luiza vai do intrincado mundo teórico à simplicidade “cheia” de indícios científicos das afirmações das crianças e dos professores que lhe forneceram o caldo empírico. É delicioso seu relato quanto à resiliência do elástico em contrapartida com o conceito que as crianças, suas interlocutoras, chamaram de “argilidade”, ou seja, uma situação própria

de certos materiais de se deformarem e ficarem com a nova forma impregnada mesmo ao término da pressão. Dessa observação atenta, certamente muitas homologias podem se produzir, quando falamos de pensamento.

Projetando-se para o futuro, há em seu texto a promessa de mais ênfase às características da formação dos psicopedagogos e às reflexões sobre alternativas de cunho didático.

Que venham novos textos provocando essa turbulência fértil!

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2013

Maria Aparecida C Mamede-Neves
Professora Emérita da PUC-Rio
Psicopedagoga

Apresentação da obra

O texto inspirador do livro, ora apresentado, é oriundo de uma reprodução, revisada e complementada, da conferência de abertura dos eventos comemorativos dos 15 anos do Tekoa (2011). Como centro de estudos da aprendizagem e escola de psicopedagogia, a instituição fundada em 1996, abraça pensamentos, intervenções e produções, orientando-se por um norte bem traçado, cujos fundamentos, apresentados no livro, são os pilares teórico-práticos que amparam as atividades diversificadas da instituição. O texto trata, antes de tudo, do pensamento que ilumina todas as atividades do centro que, de modo dinâmico e criativo, mas conservando seus princípios, vem organizando seus núcleos de formação, de pesquisa, de atendimento psicopedagógico e de produção de materiais.

Fruto de uma elaboração mental tricotada durante anos, a obra traz indícios do início do meu trabalho como pedagoga, culminando com “achados e inventados” das minhas pesquisas mais acadêmicas no campo da psicologia e da psicopedagogia. Desse modo, os escritos abordam as práticas que inspiraram os pensamentos mais formais e vice-versa.

Escrever exige muita disciplina, conduz à turbulência e, simultaneamente, nos proporciona um prazer estético com a escolha e organização das palavras e a forma como se costuram os pensamentos, em termos lógicos e poéticos. Palavras, parágrafos, textos, capas: A elaboração de cada parte e do todo vai surgindo, ora, jorrada em cascatas, ora trabalhada em cuidadosas pinceladas... Daí a obra resultar de uma linguagem eclética que vai do pensamento conceitual mais abstrato, atingindo os tais “entes de razão”, a uma linguagem terna, porém vigorosa, derivada do discurso oral de crianças e professores envolvidos no ato de aprender.

TEKOA, que dizer aldeia, em tupi guarani. KOA um único verbo para ensinar/aprender. Compondo um todo em prol da transmissão cultural, aprende-se, ensina-se, em aldeia, em comunidades.

O nome Tekoa foi assim cunhado para homenagear, lembrar e apontar para nossa ignorância cultural. As raízes dos conhecimentos que formam o caldo cultural brasileiro constituem ainda “uma grande sombra” em termos de desconhecimento. Apenas mais recentemente, tem-se aberto portas para que os ventos nos presenteiem com a dimensão indígena e africana dos saberes daqui. Tá certo, a história é dos vencidos que nos portaram infinitas riquezas culturais. Porém, quem experimenta, ou experimentou, colocar mais em evidência os garimpos dos saberes dos vencidos, colhidos da amálgama da nossa cultura mestiça, sabe o viço que esse tesouro dá aos conhecimentos “mais sistematizados para a transmissão”. Faço alusão a uma ignorância básica presente na nossa transmissão formalizada, para dizer que a ignorância é o primeiro elemento-não que os psicopedagogos, professores, educadores, devem incorporar em seu aprendizado profissional, já que não há nenhuma transmissão de conhecimentos, por mais bem elaborada que seja, que não transporte ignorâncias no seu ato de transmitir. Todos, mundo afora, sabemos muito pouco das origens e dos processos históricos de construção dos legados culturais que nos esforçamos para passar às novas gerações. E assim é.

A dúvida, o erro, a desordem, a diversidade, a regressão cognitiva, também considerados elementos- não, são assim por mim nomeados porque, rotineiramente, são alijados da sala de aula e dos processos do ensinar e aprender. Tenho esses elementos-não em alta estima porque são estruturadores dos pensamentos e dos saberes. Elementos que devem, não apenas ser aceitos com condescendência no âmbito da aprendizagem, mas que precisam ser frequentemente evocados para facilitar um aprender mais profundo.

Esse livro foi escrito para uma reflexão existencial dos aprenderes e aprendizagens e, a sua moda, trás à tona alguns aspectos de questões básicas tais como: Por que aprendemos? Como aprendemos? Por que ignoramos? Como ignoramos?

A obra é composta por uma introdução que reproduz o discurso inicial da conferência de abertura dos eventos de 15 anos do Tekoa, discurso que homenageia os autores cujas ideias constituem as raízes do pensamento da instituição. Em seu desenvolvimento,

o livro apresenta uma proposição teórica, a noologia estruturalista, para o campo de estudo dos fenômenos da aprendizagem humana, isto é, para o estudo do pensamento no ato de aprender, conhecer e conceituar. E, buscando aportes da pesquisa da tese sobre os momentos de turbulência, que deram base a dita proposta teórica, aponta para uma continuidade experimental que propicie o aprofundamento do “constructo teórico” mostrado. A obra fala também de aspectos mais ligados à teoria da prática psicopedagógica, apontando para outros subprodutos da tese tais como a proposta didática: “ciências experimentais: uma pedagogia da turbulência” e cita rapidamente a elaboração de uma técnica de intervenção comunitária chamada “roda de conversa operativa” que deverá ser tratada com a devida profundidade, posteriormente, em outro texto.

Mostrando que a obra está aberta às turbulências próprias dos elementos-não citados, ela abre para, e fecha com, a interlocução da filósofa Sara Pain, restando então semiaberta...

Nós, equipes do Tekoa, continuamos fermentando os pensamentos apresentados nesse livro. Oxalá outros produtos sejam logo colocados no forno, para serem degustados, muito em breve, na celebração dos 18 anos da instituição!

Maria Luiza Leão
Setembro de 2013

Sumário

1 – Introdução	23
2 – Os Momentos de Turbulência no campo da psicologia	27
3 – A Noologia Estruturalista, um ente-mental	32
4 – A Noologia Estruturalista como um campo teórico para os fenômenos de aprendizagem	36
5 – Por que Noologia? Porque essa terminologia?	39
6 – Defendendo a articulação, sem a integração, das estruturas do pensamento	45
7 – O pensamento no ato de aprender como uma estrutura estruturante	48
8 – Avançando experimentalmente	54
9 – Questionando a cisão radical	56
10 – As ciências experimentais. Outro subproduto da tese, mas que nasceu muito antes... ..	64
11 – Conclusão (2013)	77
12 – Interlocução de Sara Pain.....	80
13 – Glossário	89

14 – Bibliografia	91
-------------------------	----

15 – Anexos

1. Autores que pensaram e construíram possibilidades de aproximação teórica entre a psicanálise e a psicologia genética	99
2. Piaget e a classificação dos momentos de turbulência	105
3.a) Jorge Visca (mestre inspirador)	109
3.b) Gérard Vergnaud (conselheiro científico)	110